

PRÁTICAS DA
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 15 (2022)



*Recensão a **Postcolonial People.**
The Return from Africa and the
Remaking of Portugal,*
de Christoph Kalter

Elsa Peralta

Práticas da História, n.º 15 (2022): 327-334

www.praticasdahistoria.pt

Christoph Kalter

***Postcolonial People. The Return from
Africa and the Remaking of Portugal***

**Cambridge: Cambridge University Press,
2022, 351 pp.**

Elsa Peralta*

Postcolonial People. The Return from Africa and the Remaking of Portugal, do historiador alemão Christoph Kalter, é um livro com muitos méritos, sendo que o maior de todos é o de preencher uma lacuna de quase 50 anos na historiografia portuguesa. Embora o retorno de nacionais residentes nas colónias portuguesas em África tenha sido um movimento massivo – representando a maior migração de retorno originada pela dissolução dos impérios europeus em termos relativos –, o tema nunca se afirmou como um campo de estudo autónomo com um corpo de trabalho correspondente à importância do fenómeno na sociedade e na história portuguesas. Ao longo dos anos, alguns trabalhos dispersos foram sendo publicados sobre tópicos diversos relacionados com o Retorno e os retornados, incidindo em particular sobre as suas dimensões demográficas¹, questões de integração² ou temas identitários³. Apenas

* Elsa Peralta (elsa.peralta@campus.ul.pt), Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa. Receção da revisão original: 06-11-2022. Receção da versão revista: 10-11-2022. Aceitação: 14-11-2022.

1 Paradigmaticamente, Rui Pena Pires *et al.*, *Os Retornados: Um Estudo Sociográfico* (Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1987).

2 Por exemplo, Lynn Hoefgen, “The Integration of Returnees from the Colonies into Portugal’s Social and Economic Life” (Tese de doutoramento, University of Florida, 1985); Jim Lewis e Allan Williams, “Portugal’s *Retornados*: Reintegration or Rejection?”, *Iberian Studies* 14, n.º 1-2 (1985): 11-23.

3 Por exemplo, Stephen C. Lubkemann, “Race, Class and Kin in the Negotiation of ‘Internal Strangerhood’ among Portuguese *Retornados*, 1975-2000”, in *Europe’s Invisible Migrants*, org.

recentemente o tema ganhou a atenção sistemática do meio acadêmico, a qual tem recaído sobretudo sobre questões de representação e memória⁴, reflexo, como bem nota Christoph Kalter, de um momento memorial na sociedade portuguesa, alinhado a um movimento global no mesmo sentido, de reflexão em torno dos legados dos impérios coloniais e da sua transformação em categoria política. No seu conjunto, estes trabalhos mais recentes contribuíram para complexificar a experiência dos retornados, geralmente apreendidos no imaginário coletivo como uma massa populacional homogénea, tendencialmente reacionária e ressentida, que se integrou surpreendentemente bem na sociedade portuguesa.

Contudo, o Retorno, bem como as instituições criadas para lidar com o fenómeno, permaneceu praticamente ausente dos anais da história contemporânea portuguesa. Ao contrário do caso francês dos *pieds-noirs*, com o qual se podem estabelecer muitas comparações, os historiadores têm-se largamente alheado do tema e abstido de oferecer estudos detalhados e contextualizados sobre a trajetória dos retornados após a sua chegada a Portugal durante o processo de descolonização. *Postcolonial People* é o primeiro estudo sistemático sobre a história dos retornados, fornecendo-nos finalmente as ferramentas necessárias para pensar o Retorno como acontecimento histórico e posicionar os retornados como grupo social definido num contexto político particular⁵.

Andrea L. Smith (Amesterdão: Amsterdam University Press, 2003), 75-93; Ricardo Ovalle-Bahamón, “The Wrinkles of Decolonization and Nationness: White Angolans as *retornados* in Portugal”, in *Europe’s Invisible Migrants*, org. Andrea Smith (Amesterdão: Amsterdam University Press, 2003), 147-68; Stephen C. Lubkemann, “Unsettling the Metropole: Decolonization, Migration and National Identity in Postcolonial Portugal”, in *Settler Colonialism in the Twentieth Century: Projects, Practices, Legacies*, org. Caroline Elkins e Susan Pedersen (Nova Iorque: Taylor & Francis, 2005), 257-70.

4 Por exemplo, Isabel dos Santos Lourenço, *Retorno da África Portuguesa. Imagem na Imprensa, 1974-1975* (Dissertação de mestrado em história, relações internacionais e cooperação, Universidade do Porto, 2009); Mário Artur Machaqueiro, “Memórias em conflito ou o mal-estar da descolonização”, in *O Adeus ao Império: 40 Anos da Descolonização Portuguesa*, org. Fernando Rosas, Mário Machaqueiro e Pedro Aires Oliveira (Lisboa: Nova Vega, 2015), 227-45; Elsa Peralta, *The Returnees from the Portuguese Colonies in Africa: Memory, Narrative, and History* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2022).

5 Outra historiadora não portuguesa, a francesa Morgane Delaunay, defendeu em 2020 a sua tese de doutoramento sobre o processo de integração dos retornados estabelecendo uma comparação com o caso francês dos *pieds-noirs* e que se encontra em processo de publicação. Morgane Delaunay, *Le processus d’intégration des retornados au Portugal (1975-2018): analyse comparée avec le cas Français des pieds-noirs d’Algérie* (Lisboa e Rennes: ISCTE-IUL e Université Rennes 2, 2020).

O facto de o primeiro estudo publicado sobre a história do Retorno e dos retornados ter sido feito por um não português, no caso um alemão, é por si só evidência da pouca atenção dada ao tema no contexto académico português, quiçá resultado do dissenso ideológico que este convoca, ou à carga emotiva que ainda transporta na sociedade portuguesa. Este livro permite-nos fazer sentido de muitos desses dissensos, ao elucidar-nos sobre as disputas e as negociações operadas no campo político e que conduziram à não incorporação do Retorno num corpo de conhecimento coletivamente partilhado e aceite como fazendo parte da história contemporânea de Portugal.

Através de uma análise histórica extremamente minuciosa, com base na pesquisa de um conjunto de fontes arquivísticas inéditas, este livro permite-nos conceber o Retorno como um processo complexo que marcou a transição portuguesa para a democracia e influenciou a criação de muitas das suas instituições e os retornados como uma população atravessada por muitas dissimilaridades, que se expressou através de formas de agencialidade diversas e teve graus de integração desiguais. O livro está organizado em quatro capítulos, cada um deles sistematizado em subcapítulos dispostos entre uma Introdução e uma Conclusão. O primeiro capítulo – “Returnees or Refugees? Defining the *Retornados*” – abre a matéria empírica do livro com uma historicização da nomenclatura atribuída a estes migrantes da descolonização, refletindo sobre o carácter normativo, os sentidos socialmente construídos e os entendimentos conflituais de nomes como “refugiado”, “deslocado”, “repatriado” e, sobretudo, “retornado” usados política e coloquialmente para designar este universo populacional. Debruçando-se em particular sobre os usos sociais e políticos dos termos “retornado” e “refugiado”, em que o primeiro é rejeitado pelo estigma social que transporta e o segundo pelo estatuto de vítima que veicula, Christoph Kalter distancia-se dos argumentos identitários que cada um destes termos convoca para detalhar o papel de diferentes atores e agendas nacionais e internacionais na definição legal do estatuto de retornado. A nível doméstico, a mudança da lei da nacionalidade de 1975 (Decreto-Lei n.º 308-A/75, de 24 de junho) – que altera os termos do acesso à nacionalidade portuguesa,

que deixa de se basear no princípio do *ius solis*, como antes, para se passar a basear no do *ius sanguinis* (ou seja, na ascendência étnica) – e, a nível internacional, a aplicação do regime para os refugiados estabelecido no pós-guerra pelo ACNUR (Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) – que atribui o estatuto de refugiado apenas àqueles que perderam a nacionalidade portuguesa no processo de descolonização – foram dois mecanismos ao serviço de uma definição racial e étnica da nação portuguesa no novo contexto pós-imperial. Na leitura de Kalter, a dissolução do império colonial representou assim para Portugal, tal como para outras nações pós-imperiais europeias, um fortalecimento da ideia de nação por via das exclusões normativas – e respetivas recomposições socioculturais – operadas no campo legislativo. Kalter termina o capítulo questionando se, face aos mecanismos de inclusão de que beneficiaram os retornados, é possível objetivamente considerar as migrações da descolonização como migrações forçadas, ainda que subjetivamente estas possam ser consideradas como tal pelas pessoas que as experienciaram, questão a que o autor regressa já na Conclusão do livro.

No segundo capítulo – “Hotels for the Homeless: Integrating the *Retornados*” –, Kalter aborda uma outra questão frequentemente apropriada pelo discurso político e mediático, e não raras vezes replicada no meio académico, sem que seja objeto de exame ou análise detalhada: a “história de sucesso” da integração dos retornados na sociedade portuguesa. Funcionando como uma grande narrativa nacional que permitiu incorporar a experiência dos retornados no processo de transição democrática do país, esta “história de sucesso” fornece, como nos mostra o autor, uma generalização que desconsidera as diferentes trajetórias sociais dos retornados, as quais tiveram uma influência significativa nas respetivas condições materiais de integração na ex-metrópole. Para além das desigualdades socioeconómicas, a integração foi também altamente condicionada pelo fator fenótipo, o qual nuns casos vedou o acesso à cidadania portuguesa a alguns migrantes, e noutros colocou-os à parte da comunidade simbólica nacional. De grande valor informativo para pesquisas futuras, este capítulo oferece-nos informação detalhada,

até agora ainda por sistematizar, dos esquemas assistenciais postos em marcha pelo Estado português, desde as diferentes modalidades de apoio ao alojamento – dos hotéis aos centros de alojamento coletivo – até aos mecanismos conducentes à integração desta população no mercado de trabalho (como o Quadro Geral de Adidos) ou a criação de programas de atribuição de crédito com condições particulares (como é o caso dos programas geridos pela Comissão Interministerial de Financiamento a Retornados – CIFRE), os quais estão na origem da instituição em Portugal de um Estado Social alinhado com o modelo das democracias europeias.

O terceiro capítulo – “Making Claims and Taking Action: *Retornados* as Political Actors” – recupera uma faceta esquecida da história dos retornados por via da retórica política e mediática da “história de sucesso” da sua integração. É a história da sua ação enquanto sujeitos políticos e das várias iniciativas que desenvolveram com o objetivo de reclamar direitos, reivindicar apoios, pressionar os partidos políticos ou expressar frustrações. Manifestações ruidosas em frente à Assembleia da República ou junto ao Banco de Angola na Baixa lisboeta (que desde abril de 1975 recusava a transferência de dinheiro das contas angolanas para a metrópole ou mesmo trocar o dinheiro que os retornados traziam das ainda colónias); assentamentos regulares no Rossio; um jornal (*O Retornado*); um conjunto muito fragmentado de organizações e associações de retornados; e representações parlamentares por parte da direita portuguesa são algumas das expressões de protesto que Kalter revisita e que foram visíveis no imediato pós-Retorno e até aos inícios da década de 1980, quando, a par da extinção do IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais) em 1981, os retornados se invisibilizam no espaço público. A este propósito Kalter argumenta, e a meu ver corretamente, que a progressiva atrofia dos retornados no campo social se deve ao consenso que atravessou todo o espectro partidário relativamente à prescrição de uma política de “integração” no que toca ao “problema” dos retornados. Esta política de integração foi acompanhada, no plano retórico, de uma conceção benevolente da experiência imperial portuguesa, segundo a qual os retornados teriam desempenha-

do o seu papel em prol da nação portuguesa. Por esta via, os retornados foram cooptados e/ou absorvidos pelas instituições democráticas que se afirmam no período pós-revolucionário, à medida que também a sua identidade como grupo social distinto se vai dissolvendo, em forte contraste com a experiência dos *pieds-noirs* da Argélia, que ostentam até hoje marcadores de pertença visíveis. Uma questão relacionada que atravessa todo este capítulo é a do eventual alinhamento deste grupo social com a direita portuguesa, que é enunciada por Christoph Kalter a título hipotético – já que a resposta à mesma está fora do âmbito do estudo, além de que não se dispõe de recursos empíricos para a provar – desta feita apontando para âmbitos de pesquisa ainda por realizar.

O quarto capítulo, intitulado “The Return of the Return: Memory and the *Retornados* Reemergence”, fecha a parte empírica do livro e dedica-se à análise da memorialização do Retorno no espaço público português. Relacionando os atos memoriais recentes que incidem sobre o Retorno e os retornados com um processo mais amplo de memorialização reflexiva sobre a experiência imperial portuguesa que se inicia em meados dos anos 1990 com a questão da guerra colonial, este capítulo, com menos fôlego empírico e em jeito de epílogo, oferece-nos um exercício de historicização da recente memorialização em torno do Retorno e dos retornados. Por um lado, esta tendência memorialista está associada à transformação da memória colonial e imperial em categoria política no seio das políticas identitárias globais e, por outro, nutre-se de narrativas domésticas ainda hoje passíveis de apropriações políticas de sentido diverso: a “narrativa da integração de sucesso” e a “narrativa da perda traumática”.

Este é um passado que tem, diz Christoph Kalter, uma “presença iminente” no presente e a que importa atender, sobretudo no momento incerto em que vivemos. Pelos paradoxos que evidencia, tanto em termos políticos quanto analíticos, o tema do Retorno e dos retornados oferece-nos muitas pistas de estudo que continuam em aberto. Os processos diferenciados de integração entre os retornados ou de formação de subgrupos sociais, os seus posicionamentos políticos e visões de mundo, as suas formas de reprodução social são tópicos que necessitam de

mais investigação e que só agora começam a ser abordados. Mas, como alerta Kalter, o estudo dos retornados não deve, contudo, encapsular-se como um estudo dirigido ao ex-colonizador; pelo contrário, uma perspectiva relacional é exigida. Christoph Kalter conclui o livro esboçando os termos de tal análise em perspectiva, uma análise que: coloca o caso português em diálogo com outras migrações da descolonização; insere estas migrações no quadro do estudo das migrações forçadas, complexificando-as; concebe os retornados como “gente pós-colonial” (*Postcolonial People*) conectada a outras histórias e trajetórias atravessadas pela vida colonial, por trânsitos imperiais e por narrativas pós-imperiais. Por tudo isto, *Postcolonial People. The Return from Africa and the Remaking of Portugal* é um livro que se recomenda ler.

BIBLIOGRAFIA

Delaunay, Morgane. *Le processus d'intégration des retournados au Portugal (1975-2018): analyse comparée avec le cas Français des pieds-noirs d'Algérie*. Lisboa e Rennes: ISCTE-IUL e Université Rennes 2, 2020.

Hoefgen, Lynn. *The Integration of Returnees from the Colonies into Portugal's Social and Economic life*. Tese de doutoramento: University of Florida, 1985.

Kalter, Christoph. *Postcolonial People. The Return from Africa and the Remaking of Portugal*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

Lewis, Jim, e Allan Williams. "Portugal's *Retornados*: Reintegration or Rejection?". *Iberian Studies* 14, n.º 1-2 (1985): 11-23.

Lourenço, Isabel dos Santos. *Retorno da África Portuguesa. Imagem na Imprensa, 1974-1975*. Dissertação de mestrado em história, relações internacionais e cooperação: Universidade do Porto, 2009.

Lubkemann, Stephen C. "Race, Class and Kin in the Negotiation of 'internal strangerhood' among Portuguese *retornados*, 1975-2000", in *Europe's Invisible Migrants*, org. Andrea L. Smith. Amesterdão: Amsterdam University Press, 2003, 75-93.

Lubkemann, Stephen C. "Unsettling the Metropole: Decolonization, Migration and National Identity in Postcolonial Portugal", in *Settler Colonialism in the Twentieth Century: Projects, Practices, Legacies*, organizado por Caroline Elkins e Susan Pedersen, 257-70. Nova Iorque: Taylor & Francis, 2005.

Machaqueiro, Mário Artur. "Memórias em conflito ou o mal-estar da descolonização", in *O Adeus ao Império: 40 Anos da Descolonização Portuguesa*, organizado por Fernando Rosas, Mário Machaqueiro e Pedro Aires Oliveira, 227-45. Lisboa: Nova Vega, 2015.

Ovalle-Bahamón, Ricardo. "The Wrinkles of Decolonization and Nationness: White Angolans as *Retornados* in Portugal", in *Europe's Invisible Migrants*, organizado por Andrea Smith, 147-68. Amesterdão: Amsterdam University Press, 2003.

Peralta, Elsa. *The Retornados from the Portuguese Colonies in Africa: Memory, Narrative, and History*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2022.

Pires, Rui Pena *et al.* *Os Retornados: Um Estudo Sociográfico*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1987.

Referência para citação:

Peralta, Elsa. "Recensão a *Postcolonial People. The Return from Africa and the Remaking of Portugal*, de Christoph Kalter." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 15 (2022): 327-334. <https://doi.org/10.48487/pdh.2022.n15.30066>.